

Nos bastidores da ópera

Por Paolo Pinamonti

Hênjo, ópera de Toshio Hosokawa © Elisabeth Carrechio



5 de Janeiro
Canto, afecto, personagem

12 de Janeiro
A *Literaturoper*, quando desaparece o libretista

19 de Janeiro
O 'teatro de encenação', existe ou não uma tradição na encenação da ópera lírica?

26 de Janeiro
Teatro de repertório, teatro a *stagione*, festival: qual o futuro do teatro lírico?

No ciclo de conferências do ano passado fiz uma rápida viagem através dos vários significados que a *opera in musica* assumiu no curso da sua larga história. Procurei definir a especificidade de uma forma de teatro no qual as personagens, em vez de falar, cantam, cantam entre elas e cantam também quando reflectem

consigo próprias, a sós; analisaram-se as complicadas relações entre palavra e música, entre os libretos e a partitura musical; tentou definir-se a particular capacidade narrativa de uma ópera entre imitação e narração. Agora, no ciclo intitulado *Nos bastidores da ópera*, a ideia é a de entrar na oficina do teatro musical, enfrentando específicos temas deste fascinante mundo, o mundo da ópera lírica que, apesar do recorrente tema de uma crise que desde sempre o acompanha, manteve e mantém uma grande vitalidade.

Paolo Pinamonti

19 de Janeiro
O 'teatro de encenação', existe ou não uma tradição na encenação da ópera lírica?

Na sua essência poderíamos reduzir a ópera ao conjunto de uma partitura (um complexo sistema, e altamente forma-

lizado, de notação musical), um texto literário e uma série de indicações cénicas. Todavia, para que a ópera se possa concretizar no espaço do teatro, estes diferentes códigos expressivos precisam da mediação de várias competências profissionais, desde o director de orquestra aos músicos, do encenador ao cantor, do cenógrafo aos técnicos de palco.

Hoje, mais que noutros momentos históricos, a figura do encenador e o seu trabalho tornam-se sempre mais importantes, sempre mais essenciais para a vitalidade da ópera.

Mas um dos temas mais debatido na polémica operística de hoje em dia é a questão das 'modernas' encenações líricas que se vêem em todos os teatros europeus. Qual é o papel do encenador? Qual é a sua história? Podem-se definir limites ao seu trabalho?

Porque é que, sobretudo nos últimos anos e mesmo numa época caracterizada por um escrupulo filológico e musical talvez excessivo, a dimensão visual dos espectáculos de ópera se sente liberta de qualquer vínculo a uma presumida vontade do autor? Existe uma tradição da encenação lírica?

São algumas das perguntas às quais tentaremos dar uma resposta.

Paolo Pinamonti (1958) é professor de Elementos de História do Concertismo e de História da Música Contemporânea na Universidade Ca'Foscari de Veneza. A par do trabalho científico, desenvolveu actividade no campo da organização artística. De 1997 a 2000 foi Director Artístico do Teatro la Fenice de Veneza e de 2001 a 2007 foi Director do Teatro Nacional de São Carlos. Desde 2007 é Director Artístico do Festival Mozart na Corunha, Galiza.

TERÇAS-FEIRAS 5, 12, 19 E 26 DE JANEIRO DE 2010 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO